

CRÍTICO considera em sério verdadeiro caso de polícia.

Correio Popu-

lar, Campinas, 12 out. 1977.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029957

Crítico considera "Em sério" verdadeiro caso de Polícia

A execução da peça musical "Em sério", do músico Damiano Lozella, pela Orquestra Sinfônica Campineira, justamente no dia em que assinalava o aniversário da morte do insigne maestro e compositor campineiro, Antonio Carlos Gomes e que provocou justa repulsa do nosso companheiro de trabalhos, Benedito Barbosa Pupo, integrante da Comissão dos Festejos da Semana de Carlos Gomes, mereceu do crítico José da Veiga Oliveira, do Diário Popular, na sua edição do dia 2.º último, o seguinte comentário:

PANTOMIMA

Ordem: desmistificar. Grosseiro sofisma, como se música fosse igual à ilusão mítica, asneira, inópia idiota e torpe. O termo é anti-música, assim como existe o teatro do absurdo. Damiano Lozella, ex-discípulo de Kellrouther, redator musical da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, funcionário do IDART da Secretaria Municipal de Cultura de SP, prosseguiu "compondo" (?) na técnica vanguardista e aleatória. Seu derradeiro parto chama-se derrisoriamente "Em sério", que lhe foi encomendado pelo maestro Benito Juarez. De sério apenas o título "Divertissement" provocativo, surrealista, alucinatório, diverte ou irrita à vontade. Uma orquestra "au grand complet" faz de tudo, como aquelas pornográficas secretárias do filme erótico, patrioticamente nacional. Em vez de porno-chanchada, a músico-chanchada... Viva o descontraimento! Para o regente, tem a vantagem de emitir apenas as entradas. Entram "pop music", leitura de anúncios classificados, "jingles", comerciais de TV ou rádio; temas sentimentais revistefros, fragmentos de boleros, até mesmo um soprano, em longo, a parodiar os melismas das cantoras clássicas. Lá pelas tantas apagam-se as luzes, o maestro some num lugar qualquer, a orquestra mergulha num alucinatório pandemônio, enquanto "spotlingsts" vermelhos e azuis, giram com frenesi. Vêem-se um violinista equilibrando o instrumento na ponta do queixo; outra a dançar um "charleston" com sua colega; arrotos, gritos, uivos, grunhidos, assobios, tudo em meia a um fragor infernal, indescrevível.

De minha parte suportei com estoicismo — o que não sucedeu ao colega Benedito

Barbosa Pupo e ao maestro Armando Belardi, que classificou "Em sério" como caso de polícia! — chegando ao heroísmo iconoclasta de achar cômico. Soltei tremendas, desopilantes gargalhadas, porque já conheço as surradas "gangs" vanguardistas, mas dificilmente endossando a "Roda Viva" do campineiro "Diário do Povo" — "Um trabalho de vanguarda, digno de gênios — digno realmente do gênio de Carlos Gomes" (17-07-77, pág. 2), dupla infiançável sandice, que, "inter alia" tem a seródia virtude duma velhice encanecida, caquética, porejante de inanidade, que remontaria em tese às sátiras de Gay e Pepusch à "ópera séria" handeliana (séc. XVIII); de Rossini ("Péchés de vieillesse", "Duetto buffo di due gatti"); Satie, o impagável; o futurista Marinetti; a Semana de Arte Moderna (1922); mas nenhum deles tão imbecil, tão indigente, estéril, de um músico pago para garatujar essa preposteridade enorme de 25 (!) minutos. Sei que lhe presto o esperado serviço. Desanco, escarpelo-o, mando-lhe chorriho de invectivas desaforadas. Isso é o que ele quer. Pois um de seus colegas não disse que arte de vanguarda é para irritar burguês? Certifique-se de que a faixa etária e vasta experiência ensinaram-me a sabedoria da honomia, virtude das menos despiciendas, força é convir.

Na primeira parte, o soberbo pianista Antonio Guedes Barbosa tocou o concerto em si bemol maior, n.º 2, op. 83, de Brahms, com o mesmo êxito assinalado em seu grande "Imperador" no Teatro Cultura Artística. Muito embora o acompanhamento da Sinfônica de Campinas traisse o "stress" a que Benito Juarez, a submete, a execução não desmereceu a partitura genial, que melhor fora fazer encerrar o sarau de 16.9 no Centro de Convivência Cultural, em vez do "bang-bang" de Cozzella. Guedes Barbosa deu como extra o mazurka em lá menor, de Chopin, e o "Scherzo" da sonata n.º 5, em fá maior, op. 24 ("Primavera") de Beethoven, com o violinista Antonio Salles, postado em sua estante na Sinfônica. "Encore" desse tipo jamais se produziu, com certeza, demonstrando que tanto Guedes Barbosa quanto seu colega se revelam cameristas de primeira. Delícia, beleza de interpretação. Felizmente houve música!...

Correio Popular 12.10.77